



A grande mídia e a Constituição órfã

18/04/2021 - Em [Artigos](#)

Blog da Reitoria nº 483 de 19 de abril de 2021

Por Prof. Paulo Cardim

**“Ensinar exige rigorosidade metódica” (Paulo Freire)
“Avaliar também” (Paulo Cardim)**

A grande mídia impressa, televisiva e digital tem um poder extraordinário sobre as sociedades. Em particular, em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, como o nosso país.

No Brasil, tradicionalmente, desde a “redemocratização”, a partir 1985, com a eleição de Tancredo Neves, mas sob o governo do presidente José Sarney, as Tvs, jornais e revistas de liderança no mercado midiático foram fortalecidas com as polpudas verbas públicas. As empresas estatais, especialmente, Petrobras, Eletrobras, Banco do Brasil, Caixa Econômica, por exemplo, sustentaram e turbinaram, por décadas, a grande mídia.

Na internet surgiu um novo tipo de mídia, os blogs e vlogs, sob a liderança dos chamados influenciadores – influencers.

No bojo do “pacote”, surgiram os marqueteiros, ancorados em parte da grande mídia, “fazedores” de candidatos a cargos eletivos, como ficou demonstrado pela Operação Lava Jato.

Aparentemente, o mercado brasileiro não tem porte para sustentar a grande mídia, sem a participação das verbas públicas. Vejam o exemplo da Rede Globo, a sua decadência a partir do corte de verbas públicas federais (governo e estatais).

Nos regimes de comunismo ou capitalismo de Estado, discricionários e ditatoriais, como tem realce a China do século 21, a mídia é mera repetidora do marketing governamental.

A democracia, como demonstra o Brasil, é fragilizada com a mídia dependente do aporte público. Esta, por sua vez, ao se ver atingida na sua principal fonte de fomento, reage contra o poder constituído, simbolizado no Presidente da

República. Governadores e prefeitos são, tradicionalmente, reféns da mídia. E pagam por isso.

A mídia e o poder, na sociedade contemporânea, guardam estreita ligação. Quando isso não acontece ou os dois são atingidos mortalmente, ou somente a parte mais fraca. O “mais fraco” será o que claudicará primeiro.

No Brasil, no limiar da terceira década do século 21, parece que, até agora, apesar do massacre midiático, o presidente Jair Bolsonaro consegue navegar em mares bravios, com apoio em parte do Congresso Nacional e dos seus eleitores.

Cláudio Novaes Pinto Coelho, na Revista Cultural, afirma que “não há dúvida de que conglomerados empresariais como as Organizações Globo, no contexto brasileiro, e a News Corporation, de Rudolph Murdoch, no contexto mundial, são exemplos de instituições poderosas, que movimentam enorme quantidade de capital, influenciam comportamentos individuais e coletivos e agem politicamente, defendendo seus próprios interesses e os interesses da sociedade capitalista de modo geral” (gn). Quanto aos “interesses da sociedade”, eu tenho razoáveis dúvidas, com base no cenário atual, quando as Organizações Globo agem como partido político, engajadas em uma forte campanha por seus noticiários, novelas e shows de entretenimento, tomando posições radicais contra o Presidente da República.

Por outro meio, as tecnologias digitais de informação e comunicação estão propiciando, com mudanças radicais e vertiginosas, outros caminhos para as mídias livres, sem freios do Estado ou da grande mídia, como as Organizações Globo. Surgem as lives, webinars, blogs e vlogs com milhões de seguidores. Esses veículos estão abertos à sociedade brasileira e internacional. Cabe ao usuário escolher, ignorar ou deletar o conteúdo indesejável ou que não proporcione o diálogo, mas a demonização do adversário. O argumento às vezes tem como resposta a violência verbal ou física, como uma discussão ou debate, onde há sempre um adversário. Enquanto isso, o diálogo conduz ao entendimento, a discordar sem gostar menos.

No cenário brasileiro atual, a chamada grande mídia está deixando de “ser” o 4º poder para “estar” contra o poder. Esse desvirtuamento das finalidades da imprensa escrita ou digital tem levado os influencers a serem o contraponto nas notícias e comentários tipo fake news. O alcance, contudo, ainda é bastante seletivo. Aos poucos, parece que esse novo caminho para a informação e a comunicação vem abrindo espaços para a liberdade de pensamento e de expressão.

“Estar” contra o poder é um caminho perigoso para a grande mídia. É uma tomada de decisão dos grandes proprietários das mídias que, ao abandonarem o jornalismo plural e informativo, passam a tornar o informativo como opinião, retirando do consumidor, do público, o direito de refletir e ter o seu próprio conceito, a sua verdade. Esta, inalienável e constitucionalmente respeitada e protegida contra os ditadores de plantão, que poluem a imprensa, com apoio e estímulo de vários atores dos três poderes. O problema atual é que a Constituição está órfã...

“É mais fácil governar um povo culto, cioso de suas prerrogativas e direitos, que tem nítida a compreensão de seus deveres, que um povo ignaro, indócil, sem iniciativa e inimigo do progresso”.

“O papel da instrução é preparar e formar homens capazes e úteis à sociedade; o papel do governo é fornecer meios fáceis de se adquirir a instrução, disseminando escolas e patrocinando iniciativas boas confiadas à competência e ao amor de quem promove tão nobilitante tarefa”.

**Prof. Carlos Alberto Gomes Cardim
Diretor da Escola Normal Caetano de Campos
Educador e Inspetor de Alunos, 1909
Irmão do fundador do
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
Pedro Augusto Gomes Cardim.**